



**PRACS. Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**

**História e sociedade na Amazônia**

Número 2, Dezembro de 2009

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ**  
**CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

**REITOR**

Prof. Dr. José Carlos Tavares Carvalho

**PRÓ-REITORA DE GRADUAÇÃO**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eliane Superti

**COORDENAÇÃO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

Prof.<sup>a</sup> Rauliete Diana Lima e Silva

**CONSELHO EDITORIAL**

Eliane Superti - Presidente (UNIFAP)  
Edna Castro (NAEA - UFPA)  
Elísio Estanque (FEUC- PT)  
José Maria da Silva (UNIFAP)  
Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros (UERJ)  
Manoel de Jesus de Souza Pinto (UNIFAP)  
Marinalva Silva Oliveira (UNIFAP)  
Roque de Barros Laraia (UCG)

**CORPO DE PARECERISTAS**

Ailton de Souza Aragão (UNIUBE)  
Alexandre Adalberto Pereira (UNIFAP)  
Alexsara de Souza Maciel (UNIFAP)  
Antônio José do Nascimento Fernandes (UFAM)  
Antônio Sérgio Monteiro Filocreão (UNIFAP)  
Arley José Silveira da Costa (UNIFAP)  
Claudete Nascimento Machado (UNIFAP)  
Claudia Maria do Socorro Cruz Fernandes Chelala (UNIFAP)  
Daniela Cordovil Corrêa dos Santos (SEJDH)  
Eliana Alves Fêo (FATEC - OURINHOS)  
Francisca de Paula de Oliveira (UNIFAP)  
Iraci de Carvalho Barroso (UNIFAP)  
Joaquim César da Veiga Netto (UNIFAP)  
Jadson Luís Rebelo Porto (UNIFAP)  
João Wilson Savino Carvalho (UNIFAP)  
Jorge Sobral da Silva Maia (UEPR)  
José Alberto Tostes (UNIFAP)  
José Carlos Tavares Carvalho (UNIFAP)  
Maurício Gonçalves Saliba (FUNDINOP)  
Rosimar Alves Querino (UNIUBE)  
Rosinaldo Silva de Sousa (UNIFAP)  
Sérgio Ivan Gil Braga (UFAM)

## **CORPO TÉCNICO**

Christianni Lacy Soares  
Geovanne Tavares  
Jessica Wanny  
Leone de Araújo Rocha  
Márcio Rafael Pantoja Ferreira  
Nádia dos Passos Serique

## **REVISÃO DE TEXTO**

Leacide Batista Moura  
Ediléia da Conceição dos Passos Serique

## **NORMALIZAÇÃO E FICHA CATALOGRÁFICA**

Naucirene Correa Coutinho Figueredo

PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP. n. 2  
Dezembro 2009

CDD: (22.ed.) 300

ISSN: 1984-4352

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

#### **Biblioteca Central da Universidade Federal do Amapá**

PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP  
/ Pró-Reitoria de Graduação, Curso de Ciências Sociais. N. 2 (dez./2009). Macapá:  
Universidade Federal do Amapá, 2009 [on-line].

Periodicidade anual (2008 - )

ISSN: 1984-4352

1. Ciências Sociais. 2. Ciências Humanas.

CDD (22.ed.) 300

*Bibliotecária Naucirene Corrêa Coutinho Figueredo CRB2 – 832*

*Bibliotecária Izabel Maria Barral Teixeira CRB2 – 1178*

### **Endereço para correspondência:**

Universidade Federal do Amapá  
Campus Marco Zero do Equador – Bloco da Reitoria  
Rodovia Juscelino Kubitschek de Oliveira, s/n, Universidade  
Macapá-AP – 68.908-280.

## APRESENTAÇÃO

A PRACS surge no âmbito da Universidade Federal do Amapá e, mais especificamente, do Curso de Ciências Sociais com a intenção de participar do espaço científico brasileiro das publicações ligadas às áreas de humanidades e Ciências Sociais. A abrangência dessas áreas permite aos colaboradores publicarem artigos multidisciplinares e que apresentem a atmosfera acadêmica de produção do conhecimento em um mundo globalizado, complexo e contraditório. Tendo por matéria-prima a realidade, os artigos elaborados a partir dela terão como pano de fundo de suas interpretações a perplexidade, a dúvida e as possibilidades que marcam o ambiente intelectual do início do milênio. É com o propósito de trazer à tona o espírito desse tempo que foi produzida esta revista. Obviamente, ela não pode deixar de fora as comunicações científicas convencionais, os comentários rápidos, os relatos de experiência e revisões que atualizam e substanciam os referenciais teóricos da atualidade. Mas o eixo da revista é o olhar crítico sobre o presente com o olhar do presente. O olhar polêmico e atento pronto para integrar novos e velhos paradigmas. Pronto para avançar além do acúmulo de dados coletados e de gráficos e tabelas apresentadas. Pronto para participar do novo olhar científico que se aponta no horizonte.

Os Editores

## EDITORIAL

A 2ª edição da Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais, PRACS, surge a partir do I Congresso de Ciências Sociais do Amapá (CCS-AP), que versou sobre o tema: “História e sociedade na Amazônia: uma descoberta interdisciplinar da identidade amazônica”, que se realizou no período de 14 a 16 de outubro de 2009 no campus da Universidade Federal do Amapá. Com o objetivo de promover um debate a cerca das perspectivas de produção científica inter-relacionada com estudos desenvolvidos no contexto político, econômico, social e ambiental da Amazônia.

A Amazônia hoje tende a ser vista não como realmente é, mas sim como as elites ocidentais pensam que é. Percebe-se que há uma carência de estudos da Amazônia, pelos próprios amazônidas. Isso ressalta a necessidade de produção do conhecimento a partir do mundo vivido, como observa Bourdieu, destacando o cotidiano das populações e permitindo a junção dos métodos de ver e viver no mundo através do qual poderemos produzir uma discussão de quem somos e como somos.

Desta forma, o I Congresso de Ciências Sociais do Amapá estabeleceu um passo importante para o encontro de visões e interesses que compartilham em dimensões distintas os aspectos sociais, políticos, econômicos e ambientais em que o território amazônico se insere, com a participação do Centro Nacional Francês da Pesquisa Científica (CNRS-Guina) e Núcleo de Altos Estudos da Amazônia (NAEA/UFGA). Nesse viés, o Congresso trouxe dimensões e aspectos de uma abordagem interdisciplinar, dado que, a Amazônia configura uma complexa realidade discutida não só pelas ciências sociais, mas pelas ciências humanas.

Como forma de tornar público o resultado das discussões realizadas durante o I CCS-AP, a 2ª edição da Revista PRACS, visando contribuir para integração do conhecimento científico entre pesquisadores e universidades da Amazônia brasileira e demais países que compõem o território amazônico, apresenta duas seções de publicação, artigos e comunicação científica.

Na seção de artigos a PRACS apresenta trabalhos que discutem distintos temas concernentes a realidade amazônica, como nos textos: *As Dimensões da produção artística de Emmanuel Nassar*; *Os saberes de parteiras tradicionais e o ofício de partejar em domicílio nas áreas rurais*; e *Representações Sociais na história recente dos povos indígenas do Oiapoque/AP* relativos à análise de populações tradicionais e cultura amazônica. Outros artigos abordam desenvolvimento regional, organização do espaço urbano, proteção e conservação do meio ambiente, tais como: *A fronteira num jogo de poder multiescalar: A*

*França, a Guiana e a Ponte sobre o Oiapoque; A história e os efeitos sociais da mineração no Estado do Amapá; A Organização do espaço e o direito; A apropriação social do espaço como fator de urbanização na dinâmica das cidades modernas: o caso da APA da Fazendinha; e O Caso De Vila Brasil No Parque Nacional Montanhas do Tumucumaque.*

Também nesta edição a Revista conta com a contribuição de artigos que expõem questões sobre letramento social, ensino-aprendizagem de língua materna, bem como, traz reflexões sobre arte contemporânea e expressão social por meio do grafite e pichação, expostos nos textos: *Letramento para a construção da cidadania; A (Im)Permanência do traço: rastro, memória e contestação; e Corporificações urbanas: grafite e pichação.*

A seção de comunicação científica compõe resumos de trabalhos desenvolvidos por graduandos e profissionais, contribuindo com temas como: *Populações Tradicionais da Amazônia: Valorização da Cultura Mazaganense, origem e simbologia da dança do sairé no Distrito do Carvão; e Fatores culturais: potencialidades ou entraves no setor moveleiro do município de Laranjal do Jari-AP?*. Também traz resumos estendidos de pesquisas elaboradas por discentes de pós-graduação com os temas: *Impactos da Compensação Financeira sobre a exploração mineral no processo de urbanização do município de Pedra Branca do Amapari – 2004/200; A eficácia e o cumprimento dos parâmetros legais das RPPN'S no Estado do Amapá no período de 1997 a 2007; e Etnomiriapodologia: os embuás sob o ponto de vista cultural em contexto educativo.*

O conjunto das publicações apresentadas nesta edição é uma iniciativa à integração da produção científica na Amazônia (s), onde se compreende que a identidade amazônica não se faz apenas pelas discussões de interesses econômicos e políticos interpostos pelo(s) Estado(s), mas de culturas e anseios das “Amazônias” que a história e a sociedade do continente americano pode constituir. E emergir dessas discussões e produções científicas, perspectivas para o desenvolvimento da região. A seguir, tem-se um conto de Wilson Carvalho que finaliza e complementa a temática proposta deste ano.

Christianni Lacy Soares  
Geovane Tavares  
Jessica Wanny  
Márcio Ferreira  
Nádia Serique

## Conto

### A Vila (ou O Triste Fim do Zé da Esteira)

João Wilson Savino Carvalho

Aquela era sim uma vila americana, embora encravada no setentrião amazônico. Melhor, uma vila do interior do sul dos Estados Unidos. É que lá, as ruas eram bem asfaltadas e as casas construídas sempre em alvenaria, com fundações dignas desse nome, e não se via, em qualquer lugar dela, os costumeiros vira-latas que identificam uma cidade latino-americana. Não. A Vila era mesmo linda, com seus jardins planejados, as praças ornamentadas com coníferas, os clubes completos. Além disso, havia hospital e escola para todos os moradores, e os sistemas de drenagem, de saúde, de segurança e educação eram perfeitos. Enfim, era uma vila americana, caracterizada pelos hidrantes vermelhos nas ruas e pelo fato de que lá tudo funcionava.

É bem verdade que havia lá um ranço de segregacionismo, com sua divisão em três áreas distintas: a vila primária, para os operários; a intermediária, para os chefetes; e o *staff*, para os chefões. Mas isso não incomodava o Zé da Esteira.

Personagem folclórico da Vila, o Zé da Esteira nasceu e cresceu em uma comunidade ribeirinha próxima, e depois que lá se instalou a indústria de minérios, uma subsidiária da *Steel Corporation*, foi na Vila que passou toda a sua vida. Lá ainda haveria de morrer.

De esteira de borracha, de manganês e de Estados Unidos, ele sabia tudo. Os dois primeiros, como o tom de sua tez, faziam parte de sua vida por necessidade, o último, por amor. Um amor apenas aparentemente inexplicável. É que, na verdade, os três temas da vida de Zé da Esteira estavam amarrados pelo fio invisível da economia de mercado, e por ela permaneceriam ligados, ao sabor de suas caprichosas leis.

A borracha era a matéria prima da esteira que conduzia o manganês, assim como dos pneus descomunais dos caminhões e tratores, e de boa parte do equipamento na mina de manganês que justificava a existência da Vila. O manganês era, na época, essencial para a tempera do aço, e isso fazia dele um mineral estratégico, caro, o que justificava o volumoso e demorado investimento da Companhia naquele fim de mundo chamado carinhosamente “Vila”.

A mina e a extração de manganês determinaram a construção da Vila pela Companhia. A estrada de ferro, com seus trilhos de aço, uma infinidade de dormentes, locomotivas e vagões, e a necessidade de cuidadosa manutenção de todo esse aparato, fizeram surgir várias vilas ao longo de seu trajeto, que depois se tornaram cidades. A exportação do manganês, deu

à luz ao fantástico porto, com capacidade para receber imensos navios, exigindo a construção de uma vila só para ele, e que resultou em uma cópia e rival da Vila em beleza e bem estar social. Afinal, nem sequer padeciam, as vilas da Companhia, do percentual de desempregados que compõem a mão-de-obra de reserva, fundamental no capitalismo. Não, essa mazela essencial ficava para as vilas brasileiras adjacentes.

Essas vilas, depois cidades, e mais as localidades históricas, existentes desde a época colonial, fizeram daquele antigo município do estado vizinho, quando separado, um território federal, com todas as benesses que isso significa, e, por fim, a penúltima estrela na bandeira da federação.

Enfim, borracha e manganês ligados economicamente faziam do conhecimento prático do insignificante Zé da Esteira, e de sua habilidade manual, algo indispensável no funcionamento da mina. E sua admiração pelos homens de saber, seu singelo afeto pelos que sabiam mandar, superavam toda a distância engendrada pela política de pessoal da empresa capitalista, o colocando bem próximo, fisicamente, de alguns típicos chefes de departamentos, e como se pode deduzir, de muita informação sobre o modo de vida nos Estados Unidos. Um radinho de pilhas, as transmissões em ondas curtas da Voz da América em português, a fonte das idéias do Zé da Esteira.

Difícil de explicar, porém, era o embevecimento do simplório Zé da Esteira com o pragmatismo americano e com a ética capitalista, fundamentos básicos de toda a sua argumentação, em uma feição puramente prática e sem qualquer evidência ou indício de uma preparação teórica de qualquer natureza.

Se o pragmatismo vazava de sua fala e de suas ações, o fundamento de qualquer de seus atos na ética protestante era gritante em sua expressão favorita:

*- Ah! Nos Estados Unidos isso não teria acontecido!*

Quem poderia explicar sua serena admiração pelos mais caros valores do sistema ético anglo-saxão, da democracia burguesa e da meritocracia utilitarista americana? Seria muito fácil se o Zé da Esteira fosse um homem inteligente, letrado, ou, se, pelo menos, seu discurso denotasse mera repetição de chavões ou de lugares comuns. Não, o Zé da Esteira entendia aquilo a fundo. Era enfático quando explicava que as crianças tinham que aprender o valor do dinheiro, e a se construir por si, e quando demonstrava o quanto isso era importante, nunca era compreendido.

Na verdade, virou zombaria por orgulhar-se tanto de possuir uma lâmina de barbear há mais de dez anos. Amolava-a por fricção dentro de um copo de vidro e forçava a barba com ela, mais por uma questão de princípios do que pelo preço do objeto. Ele era realmente uma

peessoa muito esquisita. Para começar, afirmava ter aprendido a ler só com um velho dicionário, e depois, o fato de que sempre morou sozinho. É bem verdade que a Vila era um lugar de poucas mulheres, mas o Zé da Esteira, como empregado antigo da Companhia, pelo bom salário que ganhava, até tinha boas chances entre elas. Mas nunca se interessou por casamento. “*É porque ele guarda no colchão tudo o que ganha*”, diziam. Maldade, claro. O Zé da Esteira morava em alojamento, como poderia?

Mas o fato é que sua roupa era de uma simplicidade espartana, praticamente o uniforme caqui do Departamento de Mineração. Não tinha bens e nem precisava. A Companhia fornecia tudo. O alojamento era da companhia, e o aluguel era simbólico. Andava a pé por toda a Vila e tinha condução para o trabalho na Mina. A alimentação era no restaurante da Companhia. O clube era de graça. Não bebia, não fumava, não jogava, e na Vila não existiam prostitutas. O que fazia de seu dinheiro, então? Ninguém sabia, mas todos especulavam.

Claro, tanta segurança e firmeza na argumentação, vindo de um caboclo originário do perdido Rio Cachaço, que sequer conhecia outras cidades, só podia provocar antipatia. Talvez por isso a preferência. Entre conversar com os chefes de seção brasileiros, quase todos de Minas Gerais, e os poucos americanos, o Zé da Esteira preferia esses últimos. Adorava, em particular, o Mister Half, um americano baixinho e barrigudo, Graças a ele, chegou até a falar um pouco de inglês, em tradução exata, palavra a palavra, do português caboclo da Vila. Mister Half morria de rir, mas o Zé da Esteira não se intimidava.

Até na família, o Zé se identificava com o pensar americano. Era como o Tio Patinhas das revistas de Walt Disney. Não tinha filhos, somente sobrinhos. E foi por causa de um deles uma de suas maiores decepções. Era Júlia, uma menina magrinha, estudiosa, filha do vizinho e colega de trabalho. Envolvida com uma tarefa da escola, e sabendo dos conhecimentos do Zé da Esteira, atravessou a mureta que dividia os pátios das duas casas e, com um livro aberto, perguntou:

- Tio, como se lê isso aqui? Era uma lição de História do Amapá, que falava sobre a anedótica República do Cunani, e que se completava explicando sobre as várias companhias de mineração de ouro, que ali passaram e sobre as quais nem lembrança existia.

- “*Golden Minning*”... *Ouro... De ouro... Mineração de Ouro... Companhia de Mineração de Ouro do Cunani... Credo... Tinha uma companhi, lá no Cunani?* O Zé da Esteira, de professor tinha virado aluno. Estava autenticamente estupefato. Afinal, companhia, para ele, era uma espécie de ente poderoso e onipresente. Como a dele.

Parecia um prenúncio. Tal como no Cunani e seu ouro, a Vila vivia como a lebre de

Saint Exupéry. Ia morrer porque já tinha sido avistada pela águia, mas continuava saltitando alegremente no prado.

O fim começou com poucos indícios. Ninguém sabia explicar direito. Uns diziam que o interesse comercial do manganês despencara fatalmente depois da descoberta de um processo para dar têmpera no aço com oxigênio, mais simples, mais barato, melhor. Outros diziam que a extração de manganês havia se tornado antieconômica, já que o minério se estendia pelo subsolo da própria vila. O fato é que, um dia, surgiram os planos de demissão voluntária. Depois começaram os processos de redução de pessoal. Quebraram-se todas as regras. A “Onça”, como era chamada jocosamente pelos operários, a chamada para a demissão, passou a “comer” não só os brigões, os alcoólatras, os ineptos, os preguiçosos... A onça começou a comer também os operários que não eram essenciais ao processo de produção e exportação do manganês. A contenção de despesas não demorou a alcançar até os chefetes, e depois sequer poupou alguns dos inatingíveis chefões brasileiros. Esses, entretanto, como parte orgânica de uma elite, sabiam exatamente o que estava acontecendo, onde, como e quando. Todos saíram direto para a política, ou como assessores técnicos ou em pequenos cargos eletivos nos novos municípios ou mesmo no Estado.

Não era o caso do Zé da Esteira. Em sua fé inquebrantável na sapiência onipresente da “Companhia”, na meritocracia que garantia o sucesso de qualquer empresa privada, nos valores do capitalismo honesto, o Zé não via e não queria ver o mundo ruir a sua volta.

Por um bafo da sorte, ou do azar, o Zé foi um dos últimos. Sofreu toda a ascensão da demagogia populista com a transformação da Vila em município, substituindo o autoritarismo meritocrático capitalista da onipresente “Companhia”. Sofreu a cada buraco surgido, no antes impecável asfalto das ruas da Vila, com o avanço da leishmaniose, já não mais contida pelo serviço de saúde do município, sofreu com todas as agruras do cotidiano de uma vila brasileira encravada no meio da selva. Caiu de chofre em pleno Brasil e não sabia como agir. Não tinha preparo para isso.

Um dia discutiu na praça. Tentava mostrar que sem a manutenção adequada, a estrada de ferro fatalmente causaria um acidente horrível. E que, para custear uma manutenção adequada, estrada de ferro teria que ter rentabilidade, transportar ferro, ouro, grãos, qualquer coisa... Não entendia porque a empresa que trabalhava com florestamento no município vizinho não usava a estrada de ferro, preferindo a rodovia. Bradava:

- *“Nos Estados Unidos isso não seria assim, eles teriam que arcar com os custos do transporte, e não o Estado!”* Quase apanhou e por pouco não foi preso. Diziam que o futuro do município seria o turismo ecológico e que o Estado arcaria com os custos da manutenção

da estrada. No meio de uma população de desadaptados ele era o único desadaptado assumido.

Um dia foi visto empurrando um carrinho de picolé pelas ruas da Vila. Ainda teimava em andar com o capacete de operário e com um velho e roto uniforme cinza do Departamento de Manutenção da Companhia. Mas a Companhia já nem existia mais. Não na Vila, que não lhe interessava mais. E, embora com os cabelos grisalhos, sujo e sem firmeza no olhar, o Zé da Esteira continuava pensando no Tio Patinhas da Disney. E trabalhava de sol a sol, guardando as moedas, visando a acumulação de um capital que nunca se constituiria.

Afinal, só no devaneio do Zé da Esteira, o capitalismo no Brasil seria o irmão caçula do capitalismo americano.

## SUMÁRIO

### EDITORIAL

### ARTIGOS

**As dimensões da produção artística de Emmanuel Nassar**

*Joaquim César da Veiga Netto*

**A história e os efeitos sociais da mineração no Estado do Amapá**

*Helena Cristina Guimarães Queiroz Simões*

**Representações sociais na história recente dos povos indígenas do Oiapoque/AP**

*Simone Pereira Garcia, Cecília Maria Chaves Brito Bastos*

**Os saberes de parteiras tradicionais e o ofício de partejar em domicílio nas áreas rurais**

*Iraci de Carvalho Barroso*

**Corporificações urbanas: grafite e pichação**

*Maria de Fátima Garcia dos Santos*

**A (im)permanência do traço: rastro, memória e contestação**

*Cristiana Nogueira*

**O caso de Vila Brasil no Parque Nacional Montanhas do Tumucumaque**

*Christianni Lacy Soares, Cláudia Chelala*

**A organização do espaço e o direito**

*Daniella Maria dos Santos Dias*

**A fronteira num jogo de poder multiescalar: a França, a Guiana e a ponte sobre o Oiapoque**

*Madeleine Boudoux d'Hautefeuille*

**Letramento para a construção da cidadania**

*Adelma Barros-Mendes, Rosivaldo Gomes, Josenir Sousa da Silva*

**A apropriação social do espaço como fator de urbanização na dinâmica das sociedades modernas: o caso da APA da Fazendinha**

*Olavo Fagundes da Silva*

## RESUMOS

**Populações tradicionais da Amazônia: Valorização da cultura mazaganense, origem e símbolo da dança do sairé no Distrito do Carvão**

*Rodrigo Márcio Gomes Monteiro, Rizomar Barreto da Câmara*

**Fatores culturais: potencialidades ou entraves no setor moveleiro do município de Laranjal do Jari-AP?**

*Alzira Marques Oliveira*

**Trabalho e sociedade na Amazônia: a ocupação humana do vale do Amapari**

*Aline Maria Lopes Santos, Edilene dos Santos Barbosa, Anastácio Penha, Edinaldo Pinheiro Nunes Filho*

## RESUMOS ESTENDIDOS

**Impactos da compensação financeira sobre a exploração mineral no processo de urbanização do município de Pedra Branca do Amapari - 2004/2008**

*Raimundo Gomes Barbosa, Eliane Superti*

**A eficácia e o cumprimento dos parâmetros legais das RPPN's no Estado do Amapá no período de 1997 a**

*Ivanci Magno de Oliveira, Eliane Superti*

**Etnomiriapodologia: os embuás sob o ponto de vista cultural em contexto educativo**

*David Figueiredo de Almeida, Charles dos Santos Barros*